

21/3/94

Mais confiança entre RNM e Governo

Os primeiros 250 soldados governamentais foram já desmobilizados em Massinga, 460 quilómetros a norte de Maputo, num acto em que o presidente moçambicano Joaquim Chissano disse estar a crescer a confiança entre o seu executivo e a Renamo.

«A desmobilização tem como por objectivo fundamental consolidar a paz», declarou o presidente moçambicano,

que pela primeira em muito tempo surgiu fardado na sua qualidade de comandante em chefe das Forças Armadas, enquanto o ministro da Defesa, Alberto Chipande se encontrava trajado à civil.

«Não se trata de nenhuma desmobilização unilateral, mas de governo dar o primeiro passo num processo simultâneo», venceu Chissano, na intervenção, a única

produzida na cerimónia com os desmobilizados em parada à civil e os seus camaradas que esperam a sua vez ainda de camuflado.

«Desmobilização simultânea significa que não há vencidos nem vencedores», afirmou Chissano, que depois diria aos jornalistas acreditar também na desmobilização da RNM. «Não há nenhuma razão para não acreditar nisso».

«Das conversações com os líderes da Renamo vejo que a confiança vai crescendo», acrescentou numa alusão aos encontros a sós que teve recentemente com o líder da Resistência Nacional, Afonso Dhlakama.

O presidente moçambicano disse mesmo que estava certo de poder contar «com os soldados da RNM» que o país fosse vítima de uma agressão ou de uma ameaça à sua soberania.

No seu discurso evocou as várias razões que ditaram o início da desmobilização, mas só lateralmente focou a impaciência dos militares, que levou o governo a decidir avançar, sem esperar pela Renamo.

O dirigente moçambicano reconheceu que o acantonamento fora recebido como uma «fase de transição para a vida civil» e para o novo Exército, «cuja duração não deveria ser de mais de um mês».

As más condições de alojamento e alimentação provocaram motins em várias áreas de acantonamento, desde que esta começou a 1 de Dezembro, entre as quais Massinga, onde em Janeiro passado um civil foi morto pelos soldados.

O chefe de estado moçambicano explicou também aos soldados os apoios de que vão beneficiar e garantiu que «os desmobilizados não serão abandonados, nem se devem deixar abandonar».

Os militares desmobilizados recebem três meses de soldo e guia do Ministério das Finanças para receberem nos próximos três meses nos locais em que se fixarem.

Para um soldado raso o montante naquele dia recebido foi de 105.000 meticais (menos de 3.500 escudos). Consoante as patentes assim aumenta o valor da indemnização paga, que

num sargento é já de 460 mil meticais (menos de 15.000).

As Nações Unidas entregaram-lhes também um livro com nove cheques, correspondentes a mais de 18 meses de salários, mas que tem como montante máximo 75.000 meticais por mês, conforme prometera o representante da ONU em Moçambique, Aldo Ajello, também presente na desmobilização feita em Massinga.

Além das indemnizações, os ex-soldados receberam uma ração de mantimentos composta por açúcar, arroz, feijão e farinha de milho e um «kit» de «sobrevivência» com sementes, uma enxada, uma catana e um manual de agricultura.

O seu transporte para as terras de origem foi assegurado pela Organização Internacional de Migração em autocarros e camiões.

Além dos 250 soldados desmobilizados, 566 familiares iam-nos acompanhar, transportados também pela OIM, segundo funcionários da organização.

Mas para a grande maioria, a viagem não ia ser longa, porque eram da região.